

Ficha artística

trompete e teclados Jon Hassell
sampler e live sampling Jan Bang
guitarra e baixo Eivind Aarset
violino Kheir-Eddine M'Kachiche

www.jonhassell.com

a seguir...

música



Sam Amidon, Nico Muhly,
Ben Frost e Valgeir Sigurðsson
Whale watching tour

quinta 5 Novembro 22h00
12€ \ <30 anos 5€

Teatro Maria Matos
Av. Frei Miguel Contreiras, n.º 52
1700-213 Lisboa
Telefone: 218 438 800

www.teatromariamatos.pt

mm
MARIA MATOS TEATRO MUNICIPAL



**Jon Hassell
& Maarifa Street**

sala principal

quarta 28 Outubro 22h00

Miles and me

Jon Hassell explica como esteve perdido e se encontrou na luxuosa selva de "Bitches Brew" de Miles Davis

O som opulento do piano Fender Rhodes e as suas linhas melódicas combinadas em jogos secretos na selva luxuriosa que é "Bitches Brew" são para mim como rebentos negros e vinhas sinuosas – vinhas que eu subi na minha vida em 1971, atravessando o precipício de uma iminente carreira de composição naquilo que foi posteriormente chamado de Minimalismo – um género de música que parece ter como objectivo os ouvidos e a cabeça e não tanto o resto do corpo. Isto é aquela história do Norte/Sul – quer dentro do corpo, quer da política de corpo – cuja tentativa de resolução eu denominei mais tarde o Quarto Mundo. Graças a Deus que tu estavas por aí, Miles. A tua música – como toda a grande arte deve fazer – alargou o vocabulário da minha imaginação. Passei a poder sonhar e fantasiar como nunca antes.

E isso fez-me agarrar novamente no trompete e começar a pensar sobre como posso resolver um outro conjunto de opostos existentes: a dicotomia compositor/performer, assim como, [a dicotomia] música enquanto texto preconcebido cuja função é ser lido posteriormente (como em quase toda a música clássica Ocidental), ou música como resposta ao momento (como no jazz e em praticamente toda a música não-Ocidental). Esta polaridade começou a ter mais relevo um ou dois anos depois de ter iniciado os meus estudos de raga indiana – uma forma na qual os elementos estão perfeitamente fundidos – com o grande mestre Pandit Pran Nath. Isto é, naturalmente, uma equação com várias soluções. Pensem no Duke Ellington. E no Miles (que o amava profundamente) que continuou a evolução de uma música que, no seu balanço elegante entre estrutura e

improvisação, tornou-se verdadeiramente clássica no sentido mais abrangente da palavra: igual atenção ao antes e ao agora, ao Norte (acima da cintura, os teclados eléctricos) e Sul (abaixo da cintura, as peles da bateria).

Assim como algumas tribos têm instrumentos sagrados que são guardados num local especial e só são tocados uma vez por ano para que o poder do som não se dissipe (o outro lado da ideia de Ambient?), eu sempre tentei reservar a minha imersão em música poderosa como o "Bitches Brew" para ocasiões especiais. Isto tornou-se um pouco uma técnica de sobrevivência desde que soube que esta era a atmosfera na qual eu conseguia perder-me e soube que não havia nada a fazer após isto.

Texto publicado primeiramente na The Wire
(número 303, Dezembro 1994)

Jon Hassell

Jon Hassell estudou com Stockhausen e banhou-se em Pandit Pran Nath antes de editar, em 1978, "Vernal Equinox" na editora de Robert Ashley. Estavam aí criados alguns pressupostos importantes para quase toda a sua obra. Consolidou o Quarto Mundo com Brian Eno, onde fundiu a música do mundo com as teorias da música ambiental; assumiu o risco com perfeição ao infiltrar-se nos Farafina do Burkina Faso; viu o futuro do jazz com "City: Works Of Fiction", em 1990, e voltou a ver o outro futuro com "Fascinoma", em 1999. Durante a sua carreira foi um importante guia sonoro para muitos músicos, tendo por isso participado em muitos álbuns e alguns filmes, alterando inquestionavelmente o som de muitos discos e de algumas imagens.